

# INTRODUZINDO CONCEITOS DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PELOTAS E REGIÃO

INTRODUCING HEALTH AND SAFETY WORK CONCEPTS IN PELOTAS AND REGION PUBLIC SCHOOLS



**Italo Rodeghiero Neto<sup>1</sup>**  
**Larissa Rosa Kabke<sup>2</sup>**  
**Luis Antonio dos Santos Franz<sup>3</sup>**  
**Isabela Fernandes Andrade<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PROEXT no ano de 2013, no projeto "Cultura de Segurança desde Criança" do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas.  
 Email: rodeghiero.hoe@gmail.com

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PROEXT no ano de 2013, no projeto "Cultura de Segurança desde Criança" do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas.  
 Email: larissakrosa96@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Universidade de Minho. Docente do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas.  
 Email: luisfranz@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas.  
 Email: acessiarq@gmail.com

## Resumo

Dados do Tribunal Superior do Trabalho (TST) brasileiro apontam que aproximadamente 2.800 trabalhadores perderam suas vidas em acidentes de trabalho somente em 2013 (BRASIL, 2015). Uma forma de reduzir esse dado alarmante é o desenvolvimento de uma cultura de segurança desde a infância. Portanto, este relatório apresenta resultados obtidos em uma atividade de extensão ocorrida durante 2013 e 2014, tendo como objetivo identificar a percepção de crianças matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental, de Pelotas e região, sobre Saúde e Segurança do Trabalho e, na sequência, introduzir alguns conceitos relacionados ao tema. As crianças foram apresentadas a conceitos e práticas relacionados ao tema através de dinâmicas, pinturas e atividades lúdicas. Os alunos atendidos pelo projeto se mostraram, em sua maioria, bastante participativos, entretidos pelo tema e animados. A partir do exposto, pode-se afirmar que o ambiente escolar deve ser explorado como um meio para desenvolver uma cultura de segurança.

**Palavras chave:** Saúde e Segurança no Trabalho. Escola Pública. Crianças. Cultura de Segurança.

## Abstract

Data from the Brazilian Superior Labor Court present approximately 2,800 workers lost their lives in work accidents only in 2013 (BRASIL, 2015). One way to reduce this alarming fact is the development of a safety culture since childhood. Therefore, this report presents the results in an extension of activity that occurred during 2013 and 2014, aiming to identify the perception of children enrolled in the early elementary school grades of Pelotas and region on Health and Safety Work and, in sequence, enter some concepts related to the topic. The children were presented the concepts and practices related to the theme through dynamic, painting and play activities. Students served by the project showed, mostly quite participatory, entertained by theme and animated. From the foregoing, it can be said that the school environment should be explored as a means to develop a culture of safety.

**Keywords:** Health and Safety Work. Public School. Children. Safety Culture.

## Introdução

As empresas enfrentam desafios importantes no que se refere à minimização dos acidentes ocorridos de forma vinculada ao exercício do trabalho, os quais trazem, entre outras consequências, perdas financeiras. De acordo com o Art. 2º da Lei nº 6.367, o acidente do trabalho "(...) é aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte, ou perda, ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. Consideram-se acidente do trabalho a doença profissional e a doença do trabalho." (MPS, 2011).

Embora o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) tenha apontado um leve decréscimo de 2011 para 2012 nos índices de morte por acidente de trabalho – de 2.938 para 2.768 mortes –, o número voltou a subir no ano de 2013 (BRASIL, 2013). Dados extraídos do Tribunal Superior do Trabalho (TST) brasileiro apontam que em torno de 2.800 trabalhadores perderam suas vidas em acidentes de trabalho somente em 2013 (BRASIL, 2015). A partir disso, pode-se considerar que os índices representativos da condição de trabalho no País ainda mostram-se preocupantes. Segundo Oliveira (2003), os aspectos culturais representam, de longe, o que há de mais significativo para facilitar, inibir ou inviabilizar os acidentes de trabalho. Esse elemento, portanto, pode contribuir para a diminuição desses eventos no País. Corroborando com Oliveira (2003), Alves (2011) salienta os aspectos que devem ser considerados para que se obtenha uma cultura de segurança em condições satisfatórias:

O desenvolvimento de uma Cultura positiva de Saúde e Segurança no Trabalho (SST) exige a definição de uma estratégia suportada num planejamento das atividades, na organização do trabalho, na adequação de procedimentos, em normas e regras que visem à saúde e segurança, na utilização de equipamentos de segurança (ALVES, 2011, p. 11).

A inserção dessa cultura no trabalho deve envolver a todos, sejam empregados ou empregadores. Além de toda empresa, conforme Richter e Koch (2004, p. 705), a SST "é formada por pessoas em estruturas e relações sociais, dentro e fora da organização".

Uma maneira de desenvolver traços culturais nas pessoas sobre determinado assunto ocorre através de iniciativas ainda na infância, onde se pode, por exemplo, introduzir desde cedo a importância de certos temas socialmente relevantes. Isso acontece, pois, segundo Sarmiento (2002, p. 4), "as culturas da infância transportam as marcas do tempo". Nesse caminho, é possível citar os trabalhos realizados com crianças associados a comportamentos de segurança no trânsito ou em treinamentos para evacuação de escolas em caso de incêndios (OSHA, 2004; DIAS et al., 2010).

Saúde e Segurança do Trabalho no contexto educativo e social nas escolas em idade infantil pode se revelar uma alternativa interessante. Infere-se que trabalhos realizados com crianças e associados à cultura de SST podem vir a contribuir na criação e fortalecimento de hábitos na idade adulta desses indivíduos, quando eles efetivamente ingressarão no mercado de trabalho.

O ambiente escolar pode ser um meio propício para a promoção de hábitos relacionados à cultura de SST entre as crianças. Dentre os níveis de ensino existentes no modelo educacional brasileiro, aqueles que envolvem o ensino fundamental oferecem uma boa oportunidade de ponto de partida no sentido de envolver esses alunos com conceitos básicos de SST.

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo identificar as percepções das crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental sobre SST, a partir da exposição prévia de conceitos e rotinas relacionados a esse tema. Este estudo foi desenvolvido no contexto de um projeto de extensão denominado “Cultura de Segurança desde Criança: uma ação inclusiva diante do olhar em relação à cultura de saúde e segurança desde a infância em comunidades de Pelotas e região”. O projeto contemplou, além de ações inclusivas, oficinas e fóruns sobre o tema SST envolvendo docentes e discentes da Universidade, bem como o desenvolvimento de material didático acessível e alinhado às necessidades identificadas na comunidade local.

## Proposta Metodológica

O estudo foi desenvolvido em três escolas públicas, sendo duas delas na cidade de Pelotas (Escola E1 e Escola E2) - abrangendo em torno de 80 crianças divididas em quatro turmas - e uma na cidade de Rio Grande (Escola E3) - abrangendo em torno de 40 crianças, divididas em duas turmas. As turmas foram divididas conforme exposto na tabela 1.

Tabela 1

Distribuição da amostra abrangida no trabalho.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos, pelos entrevistados.

	Cidade	Turma	Alunos	Faixa Etária	Ano Escolar
<b>Escola E1</b>	Pelotas	T1	27	07 a 08 anos	segundo ano letivo
		T2	19	08 a 09 anos	terceiro ano letivo
<b>Escola E2</b>	Pelotas	T3	17	08 a 09 anos	terceiro ano letivo
		T4	17	09 a 10 anos	quarto ano letivo
<b>Escola E3</b>	Rio Grande	T5	17	6 a 8 anos	segundo ano letivo
		T6	22	6 a 8 anos	segundo ano letivo

O trabalho foi separado em duas fases, denominadas de preparação interna e dinâmica em campo.

As atividades compreendidas na fase denominada preparação interna tinham por objetivo orientar a construção de instrumentos didáticos e o planejamento das ações junto às crianças nas escolas. Para tanto, foram pesquisados trabalhos e documentos a partir de bases indexadas acessíveis via internet. Concomitante a esse levantamento, foram realizadas visitas e diálogos prévios nas escolas, com vistas a entender a realidade das crianças, suas atitudes e opiniões iniciais relacionadas com o assunto segurança. Tomou-se especial cautela nessa atividade de campo, pois se inferiu que a realidade cotidiana das crianças não pode ser totalmente mapeada e, portanto, há um risco elevado de intervir ou gerar conflitos no ambiente particular dos indivíduos sob estudo. Complementar às vivências citadas, eram realizadas reuniões para o planejamento e construção das atividades e instrumentos didáticos a serem usados em campo.

A fase denominada dinâmicas de campo ocorreu de acordo com a disponibilidade das escolas e das turmas envolvidas no projeto. Nessa segunda fase, buscou-se manter uma regularidade nos encontros para tentar manter as mesmas dinâmicas com ambas as escolas. Outra preocupação foi manter a homogeneidade nas atividades realizadas nas diferentes turmas, com o objetivo de interferir o mínimo na amostra estudada. A cada encontro com as turmas, introduziu-se conceitos diferentes e modos diversificados de abordagens, a fim de disseminar os conteúdos entre os alunos, bem como brincadeiras divertidas, para obter um maior envolvimento dos alunos para os determinados tópicos. Durante as atividades, foi feito o uso de projetor multimídia e apresentações em *slides*, materiais impressos, materiais para desenho e pintura, Equipamentos de Proteção Individual (EPI), sendo todos esses materiais utilizados para fins didáticos.

Aqui, cabe ressaltar que nas escolas localizadas em Pelotas a etapa que compreendeu as dinâmicas de campo ocorreu desde os primeiros meses do projeto, o que permitiu uma maior distribuição e número de encontros. Já na escola de Rio Grande, foram realizados apenas dois encontros nos meses finais do projeto, o que não influenciou de forma significativa em mudanças durante a fase de preparação interna. Nessa escola, selecionou-se algumas atividades já realizadas em Pelotas para serem aplicadas com as turmas.

Metodologia proposta no presente trabalho ainda contemplou o tratamento das informações obtidas em campo. Assim, após cada dinâmica de campo realizada nas escolas, obteve-se dados que, posteriormente, foram analisados, a fim de se conseguir o entendimento dos alunos em relação ao assunto abordado. Dentre as informações analisadas, utilizou-se desenhos em folha de tamanho A4 ou A2, resultados de brincadeiras com relação ao tema ensinado. Também foi utilizado um conjunto de anotações realizadas sobre as perguntas efetuadas aos alunos, na forma oral e como introdução ao tema.

Em relação aos desenhos, procurou-se identificar em que nível as crianças reproduziam os princípios e equipamentos mostrados em aula, além de características das profissões ensinadas aos mesmos durante a preparação das imagens. Referente às questões abordadas, buscou-se perceber em que nível havia no cotidiano a vivência de riscos ou desvios de segurança encontrados em seus lares. Uma estratégia, aqui, consistia em indagar os alunos para que respondessem questões sobre acidentes ocorridos pela falta de segurança. Durante as brincadeiras, investigou-se, por meio de jogos de raciocínio rápido e fácil absorção do conteúdo, qual era o entendimento das crianças em relação à segurança e sua relação com as profissões.

No decorrer dos encontros nas escolas, e conforme previsto na proposta metodológica, foram levantadas informações e dados que permitissem alcançar os objetivos propostos neste trabalho. Os resultados das observações em campo são expostos nas seções a seguir.

### Pelotas: o Primeiro Contato com as Crianças

Na primeira dinâmica de campo, nas escolas da cidade de Pelotas, utilizou-se a Evacuação da Escola em Caso de Incêndio como temática norteadora. Contudo, antes de abranger diretamente esse tema, a equipe do projeto dialogou com os alunos, de forma a examinar a percepção inicial deles quanto ao significado da palavra segurança e ao que esta palavra lhes remetia. A seguir, foi exposto o tema central, com o uso de imagens contendo um procedimento aplicável em casos de situação de emergência na escola. Após essa explanação, foi realizada uma dinâmica com os alunos, dividindo-os em grupos, os quais deveriam indicar a ordem correta dos passos a serem seguidos em caso de incêndio. Após isso, os alunos eram instigados a citar profissões, as quais seriam usadas posteriormente como aporte para discutir alguns riscos profissionais e as proteções aplicáveis a eles. Por fim, os alunos foram convidados a colorir uma imagem com o tema proteção contra incêndios.

**Figura 1**  
Criança colorindo a imagem que remete  
ao tema proteção contra incêndios  
Fonte: Fotografia de Luis Franz, 2013.



Relativamente a essa primeira dinâmica, a turma T1 se mostrou motivada durante a apresentação, passando a desmotivar-se na atividade de colorir a imagem. Já a turma T3 se mostrou interessada no princípio e dispersa no decorrer da apresentação. Durante a atividade de colorir a figura, a turma T3 se mostrou bastante focada. Ao abordar o assunto segurança, surgiram alguns relatos em ambas as turmas que associavam essa palavra ao seu cotidiano, como histórias as quais as crianças observavam os pais contarem, ou mesmo experiências pessoais, como cuidados quanto a acidentes nos lares. Na dinâmica dos passos a serem seguidos em caso de incêndio, todos os grupos de alunos da turma T1 acertaram, enquanto na turma T3 poucos conseguiram fazer corretamente. A turma T1 relatou gostar de atividades mais dinâmicas, como jogos, e não gostar muito de desempenhar atividades relacionadas a desenhos e pinturas. Na turma T3 observou-se um maior foco em atividades mais introspectivas e individuais, como é o caso das pinturas. Nas turmas T2 da Escola E1 e T4 da Escola E2, esta primeira dinâmica não foi realizada.

Na segunda dinâmica de campo, foram apresentadas aos alunos algumas profissões. A seguir, pediu-se para que os alunos escolhessem alguma das profissões apresentadas e a desenhassem em uma folha em branco. Em seguida, retomaram-se as mesmas profissões apresentadas anteriormente, desta vez identificando-se os EPI utilizados por cada uma delas, explicando sua necessidade.



Figura 2  
Atividade dos EPI na segunda  
dinâmica.  
Fonte: Fotografia de Luis Franz, 2013.

Nesse encontro, as turmas atendidas pelo projeto mostraram-se bastante motivadas em aprender mais sobre as profissões. Nas turmas T1 e T3, onde já acontecia o segundo encontro, observou-se que os alunos assimilaram bem o conteúdo mostrado no primeiro encontro, constatando-se isso por uma breve revisão que houve a respeito do tema. Já nas turmas T2 e T4, notou-se uma motivação muito grande dos alunos por experimentarem uma atividade diferente. Os alunos realizaram todas as atividades propostas com empenho e dedicação. Um panorama um pouco diferente foi observado na turma T2, que não se entusiasmou tanto com a ideia de desenhar; e na turma T4, que não ficou tão atenta quando vestiu os equipamentos. Ao recolher os

desenhos, após a exposição inicial das profissões, observou-se que os alunos não haviam desenhado os profissionais com proteções ou algo que remetesse aos equipamentos de proteção individual (EPI). Verificou-se que muitos dos EPI apresentados naquele momento nunca haviam sido vistos pelas crianças. Observou-se, através da verificação realizada no fim do encontro, que os alunos fixaram diversos assuntos expostos. Notou-se, também, que a maioria encontrava-se bastante calma e atenta às coisas que eram ditas, não sendo necessárias intervenções adicionais para reter sua atenção.

Durante a terceira dinâmica de campo, retomou-se o tema profissões com uma revisão inicial sobre equipamentos de proteção individual. Realizou-se, a seguir, um levantamento sobre como se dava a presença do tema segurança no cotidiano das crianças, principalmente em seus lares. Houve relatos, por exemplo, de acidentes com água quente, ferro de passar roupas e choques elétricos em tomadas. As crianças demonstravam em suas exposições que sabiam da importância de um maior cuidado para evitar esse tipo de acidentes e do uso de equipamentos de proteção. Durante o encontro, realizou-se, ainda, uma atividade lúdica, onde crianças foram escolhidas, aleatoriamente, para irem à frente da sala, uma de cada vez. A seguir, era colocado um bilhete com uma palavra em sua testa, de forma que ela não pudesse visualizar o que ali estava escrito. Utilizaram-se palavras como, por exemplo, capacete ou luvas. Na sequência, as demais crianças deveriam citar profissionais que usam o equipamento descrito no bilhete, ou alguma outra pista, que levasse o aluno a deduzir a resposta correta.

Figura 3

Atividade do bilhete na terceira dinâmica.  
Fonte: Fotografia de Italo Rodeghiero, 2013.



Em todas as turmas envolvidas na terceira dinâmica de campo, quando foram questionadas, as crianças souberam informar todos os EPI usados em cada profissão e o motivo de seu uso. Verificou-se, ainda, que as turmas T1 e T2, da Escola E1, absorveram bem o conteúdo abordado, bem como ambas as turmas mostraram-se entusiasmadas e motivadas com o tema e as dinâmicas propostas. A maior dificuldade foi a inquietação da turma T1, aparentemente perturbada pelo comportamental particular de um aluno.

Na quarta dinâmica, os alunos foram levados ao pátio da escola e divididos em cinco grupos para, em uma folha A2, fazerem o desenho de algum trabalhador em sua respectiva atividade, com os devidos EPI, e o pintassem, posteriormente. Tal atividade foi realizada com o intuito de examinar a absorção do conteúdo durante o encontro pelas crianças. Posteriormente, os alunos apresentaram seus respectivos desenhos aos colegas. Essa tarefa foi abordada visando a propiciar a fixação do conteúdo pelo desenvolvido diálogo coletivo entre as crianças e pela retenção na memória de uma atividade prática. Essa dinâmica foi realizada em todas as escolas e suas respectivas turmas: E1 (T1 e T2) e E2 (T3 e T4).

Nessa etapa, não se encontrou dificuldades em termos de controle das turmas ou com a assimilação da atividade proposta. Todos os alunos mostraram-se muito motivados para efetuar as tarefas, assim como na apresentação das ilustrações, feitas em papel cartolina.

Na quinta dinâmica, levou-se até as turmas T1 e T2, da escola E1, um técnico de segurança para dialogar com as crianças. Ele relatou a importância do uso do EPI em sua empresa, explicando e exemplificando cada equipamento de proteção, sua utilidade e necessidade. Durante a exposição, ele relatou casos de pessoas que sofreram acidentes por não utilizarem o EPI ou, ainda, por não utilizá-lo corretamente. Após todos os relatos, as crianças realizaram uma série de perguntas, a fim de sanar suas dúvidas em relação a equipamentos de proteção e sobre as profissões, como a de técnico de segurança. Por fim, foi realizado um jogo de perguntas rápidas para as crianças, com o intuito de averiguar o aprendizado individual de cada aluno. Caso o aluno respondesse corretamente, recebia um brinde. Também, foi distribuído aos alunos equipamentos de proteção simples, como máscara, luvas e protetores auriculares, bem como uma camiseta da empresa do técnico.

Por motivos de falta de horários e férias dos alunos na escola E2, não foi possível realizar essa atividade com as turmas T3 e T4. A assimilação dessa dinâmica foi muito boa, pois todas as crianças, sem exceção, acertaram as questões propostas. Porém, foi encontrada certa dificuldade em mantê-las em silêncio durante a exposição do técnico em segurança. As professoras relataram que os alunos encontravam-se agitados naquele dia, pois a sala em que ocorreu a atividade era pequena e sem janelas que oferecessem conforto térmico suficiente para atender ao número de alunos presentes naquele dia.

### Rio Grande, uma Abordagem mais Consolidada

A dinâmica realizada na cidade de Rio Grande foi organizada com base naquelas que haviam tido maior sucesso nas escolas E1 e E2 da cidade de Pelotas. Com isso, não foi necessário o processo de contatos iniciais e diálogos com os alunos, intermediados pela fase de preparação interna.

Primeiramente, houve uma breve apresentação aos alunos questionando-os sobre os seus conhecimentos relacionados à segurança e às profissões e seus equipamentos de proteção. Após, iniciou-se uma apresentação de imagens, abordando diversas profissões semelhantes à apresentação feita na segunda dinâmica, em Pelotas. Nessa atividade, explicaram-se algumas profissões, porém não foram apresentados ou relacionados, nesse primeiro momento, os equipamentos de proteção utilizados por esses trabalhadores. Em seguida, solicitou-se aos alunos que efetuassem, individualmente, um desenho de alguma profissão em uma folha de papel A4. Tal trabalho foi feito no intuito de avaliar cada criança, a fim de saber se as mesmas colocariam os devidos equipamentos de proteção individual em suas profissões escolhidas. Observou-se que faltaram alguns EPIs desenhados, sendo então relatado aos alunos esse ponto, para possível correção em uma atividade posterior. Após a correção do que os alunos haviam errado, apresentou-se os equipamentos de proteção, vestindo-os e relacionando os mesmos com as profissões apresentadas anteriormente.

**Figura 4**  
Demonstração do uso dos EPIs.  
Fonte: Fotografia de Isabela Andrade, 2013.



Questionou-se a diferença entre os equipamentos de proteção no que tange à utilização durante as atividades de diferentes trabalhadores e, ao final, para um momento de descontração, liberou-se os EPI para que as crianças pudessem examiná-los.

Durante essas intervenções observou-se o que já trazia Fernandes et al. (2011), que afirmava que as ações extensionistas beneficiam todo o coletivo, onde a atuação na promoção da saúde contribui para tornar os sujeitos autônomos e capacitados a buscarem melhorias, sobretudo na qualidade de vida.

**Figura 5**  
Aluno da escola municipal testando um capacete (EPI).  
Fotografia de Isabela Andrade, 2013.



A seguir, realizou-se uma brincadeira com as crianças, muito semelhante àquela realizada na terceira dinâmica, efetuada em Pelotas. Colocou-se um capacete em um aluno escolhido aleatoriamente e conduziu-se este à frente da sala. Nesse capacete havia um pedaço de papel, onde estava escrito o nome de um EPI ou de uma profissão. Pediu-se aos demais colegas que dessem dicas ao aluno da frente, a fim deste conseguir adivinhar qual a palavra que estava colada no capacete. O aluno não deveria saber qual era a palavra e seus colegas não poderiam dizer a palavra completa.

Por fim, solicitou-se que os alunos realizassem um trabalho em uma folha A2. Para tanto, dividiu-se as turmas em grupos e solicitou-se que desenhassem, novamente, uma profissão. Porém, desta vez, deveria conter todos os equipamentos de proteção explicados em aula, adequados para cada trabalhador.



Figura 5

Alunas desenvolvendo o trabalho proposto em grupos.

Fonte: Fotografia de Isabela Andrade, 2013.

No início do encontro, notou-se certo entendimento sobre o tema com as respostas dadas pelos alunos. Percebeu-se que um número grande de crianças possuía familiares empregados em empresas do polo naval da cidade, o que foi relatado várias vezes por elas. As crianças relatavam ainda certa familiaridade quanto aos EPI, mesmo não sabendo com precisão os seus nomes e aplicações. Segundo as próprias crianças, seus familiares levavam os EPI para casa, o que acabava por induzir a um diálogo sobre os mesmos. Quanto às profissões, obteve-se todas as respostas certas e bem argumentadas, com exemplos de suas atividades e funções. Na correção dos desenhos, observou-se que as crianças entenderam os princípios e conceitos de segurança passados a elas, relatando que tinham esquecido de desenhar tais equipamentos ou que não sabiam de sua necessidade naquela atividade. Os desenhos no papel A2 foram efetuados corretamente, considerando os EPI em seus devidos locais e de acordo com o desenvolvimento das funções neles relatadas.

A assimilação das turmas T5 e T6 foi evidente, tendo em conta os exemplos e o diálogo desenvolvido com as crianças. Não foi encontrada nenhuma dificuldade tanto com o comportamento da turma quanto com a realização dos trabalhos, sendo que os alunos permaneceram envolvidos e dispostos a trabalhar quando solicitados.

Na segunda dinâmica, na cidade de Rio Grande, replicou-se a quinta dinâmica realizada em Pelotas. O mesmo técnico de segurança envolvido na atividade anterior foi levado para dialogar com as crianças sobre o uso e a importância de equipamentos de proteção. As atividades com as crianças foram as mesmas, seguindo a mesma ordem de elaboração.

Verificou-se que as crianças da escola de Rio Grande possuíam maior familiaridade em relação ao tema segurança no trabalho se comparado com as crianças das escolas de Pelotas. Entretanto, isso não impediu que as mesmas focassem sua atenção no técnico de segurança e no que ele estava explicando. Essa dinâmica foi aplicada com as duas turmas, T5 e T6, não encontrando maiores dificuldades no decorrer das atividades. Na Tabela 2, apresenta-se uma compilação das percepções dos extensionistas quanto aos resultados obtidos nas vivências de campo nas duas cidades.

**Tabela 2**

Síntese das percepções observadas pelos pesquisadores através das dinâmicas. Fonte: Tabela elaborada pelos autores a partir de dados fornecidos pelos entrevistados.

Escola	Cidade	Turma	Envolvimento/motivação	Assimilação
E1	Pelotas	T1	Média	Forte
		T2	Forte	Forte
E2	Pelotas	T3	Média	Média
		T4	Forte	Forte
E3	Rio Grande	T5	Forte	Forte
		T6	Forte	Forte

Percebe-se, ao observar a Tabela 2, que, no decorrer das atividades, o envolvimento de grande parte das turmas estudadas foi forte, sendo atraídas pelas atividades e motivadas a cumpri-las conforme as recomendações dadas. Através da avaliação dos bolsistas, as crianças, quando questionadas, mostraram uma assimilação boa dos conteúdos abordados, respondendo corretamente a todas as perguntas realizadas.

## Conclusão

O presente trabalho teve por intuito identificar as percepções das crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental sobre saúde e segurança no trabalho, a partir da exposição prévia de conceitos e rotinas relacionados ao tema, bem como a utilização de dinâmicas e jogos interativos.

Identificou-se, no decorrer das atividades propostas neste projeto, que os alunos atendidos pelo projeto se mostraram, em sua maioria, bastante participativos, entretidos pelo tema e animados. Mereceu atenção o fato de todos os alunos já

possuírem, em algum nível, conhecimento com relação à segurança e às profissões, à evacuação de prédios diante de situação de emergência, ou à utilização de equipamentos de proteção individual, conhecimentos estes recorrentemente trazidos aos alunos em situações cotidianas em seus lares. Em Rio Grande, os alunos apresentaram um conhecimento forte sobre a utilização de EPI se comparado aos alunos de Pelotas. Pode-se afirmar que esse fato retrata o hábito dos operários da cidade, de levarem seus equipamentos para casa no retorno do trabalho.

As crianças, em sua grande maioria, mostraram interesse pelo tema abordado, relatando, ainda, ser interessante o diálogo com suas famílias a respeito desses conceitos, a fim de evitar acidentes. A partir do exposto, pode-se afirmar que o ambiente escolar pode, e deve, ser explorado como um meio para o desenvolvimento de uma cultura, não somente relacionada ao trânsito, como já existem vários projetos em escolas, mas, também, à segurança aplicada nos diversos serviços ofertados no mercado de trabalho.

## Referências

- AEROSA, J.; DWYER, T. Acidentes de trabalho: uma abordagem sociológica. **Configurações [Online]**, São Paulo, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://configuracoes.revues.org/213>> Acesso em: 04 jun. 2012.
- ALVES, M. M. C. D. **O clima de segurança na política e estratégia de saúde e segurança no trabalho**. Portugal, 2011. 94p. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal, 2011.
- BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. **Trabalho seguro - Dados Nacionais**. 2013. Disponível em: <<http://www.tst.jus.br/web/trabalhoseguro/dados-nacionais>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. **Dados dos acidentes de trabalho em 2013**. 2015. Disponível em: <<http://www.tst.jus.br/documents/1199940/1207004/Es-tat%C3%ADstica>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- DIAS, A.; SERRÃO, I.; BONITO, J. Cultura de segurança numa escola pública: o caso da Escola Secundária com 3.o Ciclo do Ensino Básico de Vendas Novas. **Educação para a saúde, cidadania e desenvolvimento sustentado**, Covilhã, Portugal, p. 178-189, 2010.
- FERNANDES, K. J. S. S. et. al. Relato de experiência: vivências de extensão na comunidade. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, p. 97-104, n. 1, 2011.
- LARAIA, R. B. O desenvolvimento do conceito de cultura. In: Laraia R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2004. p. 30-52.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Previdência Social**. Distrito Federal, 66 p., 2014. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/Previd%C3%Aancia-Social.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

- MORAES, G. T. B.; PILLATY, L. A.; KOVALESKY, J. L. Acidentes de trabalho: fatores e influências comportamentais. In: XXV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUC RS, 2005. Disponível em: <[http://pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/e-book/2005/E-book%202006\\_artigo%2015.pdf](http://pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/e-book/2005/E-book%202006_artigo%2015.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2013
- OLIVEIRA, J. C. Segurança e saúde no trabalho: uma questão mal compreendida. **São Paulo Perspec**, São Paulo, v. 17, p. 03-12, n. 2, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392003000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2016.
- OSHA. Integração sistemática da segurança e da saúde no trabalho na educação. **Facts**, Bilbao, Espanha, 2004. Disponível em: <<https://osha.europa.eu/pt/publications/factsheets/52>>. Acesso em: 12 jun. 2013.
- RICHTER, A.; KOCH, C. Integration, differentiation and ambiguity in safety cultures. **Safety Science**, Denmark, p. 703-722, n. 42, 2004. Disponível em: <[http://aml-safety.com.au/AMLstores/\\_images/pdf-files/Richter.pdf](http://aml-safety.com.au/AMLstores/_images/pdf-files/Richter.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2016.
- SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, p. 51-69, n. 21, 2003. Disponível em: <[http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2016.